

RESENHA

*George Camargo dos Santos**

HARRISON, Peter. **Os territórios da ciência e da religião**. Trad. Djair Dias Filho. Viçosa, MG: Ultimato, 2017. 312 p. [Título original: *The Territories of Science and Religion*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2015. 320 p.].

As denominadas “Preleções Gifford” (Gifford Lectures – GL), iniciadas em 1888 por vontade de Adam Lord Gifford (1820-1887) e mantidas até os dias atuais, têm o objetivo de promover profundas reflexões acerca dos grandes desafios da teologia natural e assuntos correlatos. Um convite para participar das GL é uma das mais prestigiosas honrarias da academia escocesa. Além disso, os resultados das GL anuais originaram as primeiras versões de obras clássicas no campo da Teologia, da Filosofia e da relação entre Religião e Ciência, dentre elas: *The Varieties of Religious Experience* (GL 1900-1902), de William James; *Process and Reality* (GL 1927-1928), de Alfred North Whitehead; *The Quest for Certainty* (GL 1928-1929), de John Dewey; *The Nature and Destiny of Man* (GL 1938-1940), de Reinhold Niebuhr; *Causality and Complementarity* (GL 1949-1950), de Niels Bohr; *Personal Knowledge* (1951-1952), de Michel Polanyi; *Systematic Theology* (GL 1953-1954), de Paul Tillich (os três volumes); *History and Eschatology* (GL 1954-1955), de Rudolf Bultmann; *Physics and Philosophy* (GL 1955-1956), de Werner Heisenberg; *The Road of Science and the Ways to God* (GL 1974-1976), de Stanley Jaki; *God in Creation* (GL 1984-1985), de Jurgen Moltmann; *Oneself as Another* (GL 1985-1986), de Paul Ricoeur; *An Interpretation of Religion* (GL

* Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica pelo PEE-COPPE/UFRJ (M.Sc., 2006), mestre em Ciências em Engenharia de Energia pela UNIFEI (M.Sc., 2016), especialista em eficiência energética pelo CEURE/UNIFEI (2010), engenheiro eletricitista pelo DEE/UFRJ (B.Sc., 2002), bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro (2009) e pela EST-Mackenzie/SP (2010) e membro da Igreja Presbiteriana do Brasil na Barra da Tijuca, RJ.

1986-1987), de John Hick; *Three Rival Versions of Moral Enquiry* (GL 1987-1988), de Alasdair MacIntyre; *Religion in the Age of Science* (GL 1989-91), de Ian Barbour, *Christianity and Classical Culture* (GL 1992-1993), de Jaroslav Pelikan; *Science and Christian Belief* (GL 1993-94), de John Polkinghorne; *A Fine-Tuned Universe* (GL 2009), de Alister McGrath, e outras referências.¹

Conforme pode ser observado as GL têm uma produção vasta e bastante eclética. Todavia sempre se deve ter em mente a exortação do médico e dramaturgo russo Anton Tchekhov (1860-1904): “A universidade desenvolve todas as capacidades, inclusive a estupidez”.

Em fevereiro de 2011, o tema da GL foi “Science, Religion and the Modern”. Nessa ocasião, o historiador australiano Peter Harrison foi convidado para palestrar na Universidade de Edimburgo sobre o tema “The Territories of Science and Religion” (Os territórios da ciência e da religião). Ele apresentou uma série de seis palestras sob os títulos: (1) “The Territories of Science and Religion”; (2) “The Cosmos and the Religious Quest”, (3) “The Disenchantment of the World”, (4) “Fallen Knowledge”, (5) “Science and Progress” e (6) “Religion and the Future of Science”. Harrison era o então diretor do Ian Ramsey Centre for Science and Religion e professor titular da cátedra de Ciência e Religião, ambos ligados à Universidade de Oxford. Atualmente, essas posições são ocupadas por Alister McGrath. O principal fruto da GL 2011 foi a publicação da versão final do livro de Harrison pela University of Chicago Press em 2015, com 320 páginas. Essa obra permaneceu com o mesmo título dado por Harrison para as seis palestras. Em maio de 2017, a Editora Ultimato nos brindou com a tradução para o português do livro de Harrison, fruto dos esforços da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) e da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²) com o apoio financeiro do órgão de fomento Templeton World Charity Foundation (TWCF). A obra de Harrison em português é o alvo desta resenha.

Peter Harrison (n. 1955) não é tão conhecido no Brasil. Portanto, será apresentado a seguir um resumo da carreira desse historiador das ideias da ciência e religião. Harrison obteve o B.Sc. pela Universidade de Queensland em 1976, Dip. Ed. pela Universidade de Queensland em 1977, B.A. pela Universidade de Queensland em 1983 (*summa cum laude*), M.A. pela Universidade de Yale em 1985; M.A. pela Universidade de Oxford em 2007; Ph.D. pela Universidade de Queensland em 1989 e D.Litt. pela Universidade de Oxford em 2013. Desde 2015, é diretor do Institute for Advanced Studies in the Humanities (IASH), da Universidade de Queensland. Já foi diretor e professor pesquisador do Centre of the History of European Discourses, da Universidade de Queensland (2011-2015), como também professor de Ciência e Religião (Andreas Idreos

¹ Outras referências sobre os pensadores convidados, os títulos das palestras, os livros publicados ou mais detalhes estão disponíveis no sítio da Gifford Lectures. Disponível em: <<https://www.gifford-lectures.org/>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Professor) e diretor do Ian Ramsey Centre, ambos na Universidade de Oxford (2011-2015), e professor de História e Filosofia na Bond University (1989-2006). Atualmente, é um Australian Laureate Fellow (2015-2019).

É oportuno mencionar cinco obras de Harrison: *“Religion” and the Religions in the English Enlightenment* (Cambridge, 1990), *The Bible, Protestantism and the Rise of Natural Science* (Cambridge, 1998), *The Fall of Man and the Foundation of Science* (Cambridge, 2007), *The Territories of Science and Religion* (Chicago, 2015) e *Narratives of Secularization* (Routledge, 2018), para a qual deve ser dada especial atenção, pois trata da teoria da secularização.² Esse projeto foi iniciado em 2014, quando ele foi premiado pela Australian Laureate Fellowship, e tem como objetivo conduzir uma pesquisa de cinco anos sobre “Ciência e Secularização”. No Brasil, as referências de Harrison são poucas, a saber: um livro organizado e introduzido por ele com mais catorze artigos de especialistas – *Ciência e Religião*³ (Ideias & Letras, 2014); um artigo publicado na *Revista de Estudos da Religião – REVER* (PUC-SP, 2007) intitulado: “‘Ciência’ e ‘Religião’: Construindo os Limites”⁴; duas palestras proferidas⁵ no III Curso Faraday Kuyper⁶ (Igreja Presbiteriana do Recreio,

² Teoria da Secularização é o entendimento de que a ciência causa a secularização. Para informações adicionais, ver: BROOKE, John H. “Ciência e Secularização”. In: HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014, p. 137-161; BROOKE, John H. “Mito 25 – A ciência moderna secularizou a cultura ocidental”. In: NUMBERS, Ronald L. (Org.). *Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. Lisboa: Gradiva, 2012, p. 262-271; BERGER, Peter L. “The Desecularization of the World: A Global Overview”. In: BERGER, Peter L. (Org.) *The Desecularization of the World: Resurgent Religion and World Politics*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 1-18; EVANS, John H.; EVANS, Michael S. “Religion and Science: Beyond the Epistemological Conflict Narrative”. *Annual Review of Sociology*, 34, (5), 2008, p. 1-19; MARTIN, David. “Does the Advance of Science Mean Secularization?”. *Science and Christian Belief*, 19, 2007, p. 3-14; TAYLOR, Charles. *A Secular Age*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

³ Cf. HARRISON, Peter (Org.). *The Cambridge Companion to Science and Religion*. New York: Cambridge University Press, 2010. Esse livro se divide em três partes, a saber: interações históricas, a religião e a ciência contemporânea e perspectivas filosóficas. Os quinze colaboradores desse projeto foram: John Hedley Brooke, Simon Conway Morris, John H. Evans, Peter Harrison, John Haught, John Henry, David C. Lindberg, Nancy Murphy, Ronald L. Numbers, John H. Roberts, Michel Ruse, Michael Stenmark, William R. Stoeger, Jonathan R. Topham e Fraser Watts.

⁴ Cf. HARRISON, Peter. “‘Science’ and ‘Religion’: Constructing the Boundaries”. *Journal of Religion*, 86 (2006), p. 81-106. Essa publicação foi traduzida e autorizada por Peter Harrison e pelos editores do *Journal of Religion*. A referência da tradução portuguesa é: HARRISON, Peter. “‘Ciência’ e ‘Religião’: Construindo os Limites”. *Revista de Estudos da Religião* (REVER), março de 2007, p. 1-33. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/t_harrison.htm>. Acesso em: 24 jul. 2018.

⁵ As duas palestras proferidas por Harrison foram: “As Origens Cristãs da Ciência Moderna” (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jBKBvjkyxU>>. Acesso em: 23 jul. 2018) e “Os Territórios da Ciência e da Religião” (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k6byeO2sial>>. Acesso em: 23 jul. 2018).

⁶ O III Curso Faraday Kuyper ocorreu no Rio de Janeiro, nos dias 26 a 29 de julho de 2017, organizado pela ABC² na Igreja Presbiteriana do Recreio. Para maiores informações sobre os palestran-

2017) e uma entrevista⁷ para o 25º Congresso Internacional de História da Ciência e Tecnologia (25CIHCT – UFRJ, 2017).

A primeira parte da obra é intitulada “Os territórios da ciência e da religião”, onde são definidas as palavras “território” (i.e., territórios do passado) e “mapas” (i.e., mapas conceituais do presente) a fim de dar sentido ao título do livro. Inicia-se com um caso bélico hipotético entre Israel e Egito na Idade Média, cujo exemplo é desmascarado, pois historicamente “Israel e Egito eram parte da mesma coisa, a saber, o Império Otomano” (p. 18). Essa tentativa de explicação anacrônica, como diz Harrison: “A ideia de um Israel medieval e um Egito medieval só pôde surgir mediante a aplicação equivocada dos *nossos mapas atuais e territórios passados*” (p. 18, meu grifo), é a forma análoga, segundo o historiador australiano, de como as entidades “ciência” e “religião” são frequentemente confundidas em suas relações históricas. Em seguida, Harrison apresenta outra forma de pensar a partir do conceito de “tipos naturais” ou de “gênero natural” (i.e., agrupamentos naturais de coisas – p. 20) e são lançados dois desafios, a saber: (1) a distinção do jade com jadeíte e do jade com nefrite, ou seja, o jade não é um gênero natural e (2) a distinção de baleias e peixes e de morcegos e aves, isto é, os comparados não pertencem ao mesmo gênero natural. Com isso, Harrison argumenta: “As categorias de ‘religião’ e ‘ciência’ é que, em certo grau, estamos errados ao pensar que sejam análogas a gêneros naturais [...] os conceitos e modos como as empregamos mascaram diferenças empíricas importantes” (p. 20). É importante este aceno, pois apesar de a rubrica “ciência” antes do século XIX abarcar a “história natural” e a “filosofia natural”, ainda assim, tanto a palavra “ciência” como o verbete “religião” não se prestam a uma classificação contemporânea por gênero natural – isto é, “não deveríamos utilizar nossos *mapas atuais* para entender o *território deles*” (p. 21, meu grifo). É oportuno registrar que o texto de Harrison é repetitivo, como se pode observar nos grifos supramencionados neste parágrafo, mas isso é necessário devido à complexidade do tema. Ainda nesse capítulo, Harrison reserva uma breve exposição sobre a história de “religião” (p. 23-27) e a história de ciência (p. 27-31). Sobre a história de “religiões”, Harrison apoia-se na definição de “religião” de Tomás de Aquino – “religião (*religio*) é uma virtude – não, aliás, uma das virtudes teológicas preeminentes, mas, mesmo assim, uma virtude moral importante relacionada à justiça” (p. 23). A partir do Aquinate, Harrison expõe o sentido primário (i.e., os atos interiores de devoção e oração) e o sentido secundário de religião (i.e., votos, dízimos,

tes desse evento, ver o site da ABC². Disponível em: <<https://www.cristaosnaciencia.org.br/recursos/iii-curso-faraday-kuyper/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

⁷ A entrevista foi concedida à Super Rede Boa Vontade de Comunicação ocorrida no 25CIHCT nos dias 23 a 29 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0VgFZ3GiVQM>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

ofertas, etc.), e faz uma declaração ousada: “Não há nenhum sentido em que *religio* se refira a sistemas de crenças proposicionais, nem nenhum sentido de diferentes religiões (plural)” (p. 23). Nessa declaração enfática, John Heilbron e Stephen Gaukroger entenderam que Harrison passou dos limites! Heilbron nos lembra da proposição latina “*extra ecclesiam nulla salus*” (fora da igreja não há salvação) e dos credos e catecismos.⁸ Já Gaukroger nos lembra que a religião está alicerçada em termos doutrinários para fundamentar uma teologia cristã.⁹ Harrison se defende desses lembretes e reafirma a sua posição,¹⁰ que se resume assim: “Quando o termo [religião] era usado no Ocidente pré-moderno, não se referia a conjuntos separados de crenças e práticas, mas sim a algo mais como ‘piedade interior’, conforme vimos no caso de Tomás de Aquino, ou ‘culto’” (p. 23). Harrison se estende à pesquisa acerca da ideia da expressão “religião verdadeira como culto” e esta é observada nos escritos latinos de Tertuliano (c. 160-220), de Lactâncio (c. 240-320), de Agostinho de Hipona (354-430), do léxico grego *thrēskéia*¹¹ em Tiago 1.27, traduzido como *religio* por Jerônimo com a conotação: “a religião pura e sem mácula [...]”, na obra *Distinctiones Abel* do teólogo parisiense Pedro Cantor (m. 1197), nas homilias do escolástico Radulfus Ardens (m. 1200), no entendimento do filósofo humanista Marsílio Ficino (1433-1499), no escrito “verdadeira e falsa religião exibida por cristão”, de 1525, do reformador protestante Ulrico Zuínglio (1484-1531), até chegar na obra latina de João Calvino *Institutio Christianae Religionis* (1536), onde se deveria traduzir como “Instrução de Religião Cristã”. Por que esse esforço? Harrison quer destacar o devir da palavra “religiões” em três citações: (1) a tradução inglesa de Thomas Norton (1561): *The Institution of Christian Religion* (*A Instituição de Religião Cristã*); (2) a edição de Glasgow de 1762, onde se lê: *The Institution of the Christian Religion* (*A Instituição da Religião Cristã*) e (3) a tradução inglesa de John Allen de 1813, onde se lê: *Institutes of the Christian Religion* (*Institutas da Religião Cristã*). Eis a origem da ideia de conteúdo proposicional observado por Harrison, ou seja, de forma resumida:

⁸ HEILBRON, J. L. “Deep narrow territories”. Resenha de: HARRISON, Peter. “The Territories of Science and Religion” (2015). *Metascience*, v. 25 (3), Nov. 2016, p. 349-353.

⁹ GAUKROGER, Stephen. “Religio and Scientia”. Resenha de: HARRISON, Peter (2015). “The Territories of Science and Religion”. *Metascience*, v. 25 (3), Nov. 2016, p. 343-347.

¹⁰ HARRISON, Peter. “Beliefs, Lebensformen, and conceptual history”. *Metascience*, v. 25 (3), Nov. 2016, p. 363-370.

¹¹ Schmidt fez uma pesquisa aprofundada sobre o léxico *thrēskéia* e correlatos. É interessante observar a sua aparição entre os jônicos (Heródoto) e migrando para a LXX e o NT, como também em Dionísio de Halicarnasso, Plutarco, Herodiano, os pais da igreja, inscrições e papiros. Tem uma etimologia incerta e o uso deve ser observado em cada autor e contexto. Cf. SCHMIDT, K. L. “*thrēskéia, thrēskos, ethelothrēskéia*”. In: KITTEL, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. (Orgs.). *Theological Dictionary of New Testament*. 8th printing. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981, vol. III, p. 155-159.

Com a frequência crescente das expressões “religião” e “as religiões” a partir do século 16 em diante, testemunhamos o começo da objetificação do que outrora fora disposição interior. Enquanto para Tomás de Aquino eram os atos “interiores” de religião que tinham primazia, o peso então caiu decisivamente sobre o que é exterior. Tratou-se de evolução nova e significativa, a transformação de religião numa entidade sistemática e genérica. O aparecimento dessa nova concepção de religião foi condição para a relação entre ciência e religião. Embora as causas dessa objetificação sejam variadas, a reforma Protestante e o surgimento da filosofia natural experimental foram fatores fundamentais (p. 27).

Nesse primeiro capítulo, Harrison resgata a noção de ciência em Tomás de Aquino como um “hábito da mente ou ‘virtude do intelecto’” (p. 27). Dessa forma, o historiador destaca a “ciência” como uma palavra paralela à “religião”, ou seja, ambas são essencialmente “qualidades pessoais” (p. 27) e não “sistemas de crenças e práticas” (p. 27). Aqui, Harrison retoma mais uma vez a crítica dos sistemas de crenças já comentada na seção anterior sobre religião e agora se estendendo para o verbete ciência. Nesse sentido, o pensamento de Tomás de Aquino sobre as virtudes é exposto:

Tomás identificou três virtudes – entendimento (*intellectus*), ciência (*scientia*) e sabedoria (*sapientia*). Em resumo, entendimento dizia respeito à apreensão dos primeiros princípios; ciência, à derivação de verdades a partir desses primeiros princípios; e sabedoria, à apreensão das causas superiores, incluindo a causa primeira, Deus (p. 28).

Os cinco capítulos seguintes sustentam as duas teses principais da obra de Harrison e incrementam outros exemplos, citações históricas, recortes de pensamentos e gráficos. Por exemplo, o capítulo 2, intitulado “O cosmo e a busca religiosa”, se concentra em responder duas perguntas:

Se ciência é uma ideia moderna, devemos nos perguntar o que aqueles que tradicionalmente consideramos como se tivessem exercido a ciência na antiguidade se imaginavam fazendo. Do mesmo modo, se não havia nenhuma religião antes do período moderno inicial, como é que grupos como os cristãos antigos conceituavam aquilo com que estavam comprometidos? (p. 37, meu grifo das duas principais teses da obra de Harrison).

No capítulo 3, cujo título é “Sinais e causas”, Harrison explana, a meu ver, de forma acertada, o tema da assinatura do Criador impressa em dois livros sagrados: a Escritura e a Natureza. Já no capítulo 4, com o título “A ciência e as origens da ‘religião’”, Harrison se esforça em mostrar com mais detalhes o contexto da religião e da ciência pré-moderna e a transição para a modernidade. A seguinte citação de Harrison traduz o que propõe o capítulo 4:

O conteúdo de catecismos que outrora eram entendidos como técnicas para imprimir a piedade interior veio, então, a ser interpretado como se encerrasse em si a essência de algo objetivo – religião. A religião passou a estar mais presente nos credos do que no coração dos fiéis. Em processo correlato, o rótulo “*scientia*”, que tradicionalmente havia se referido tanto a uma disposição mental quanto a um conjunto formal de conhecimento, passou a ser associado somente com este último, dando enfim origem a algo objetivo – ciência. Conquanto houvesse outrora uma correspondência próxima entre ciência considerada como virtude e ciência entendida do ponto de vista de conhecimento demonstrável, desse período em diante começou-se a pensar cada vez mais em ciência como um conjunto de conhecimento sistemático ou um método que existia totalmente independente das disposições dos seus praticantes. A própria possibilidade de uma “ciência *da* religião” repousa sobre essas transições, e de fato a obra de David Sloan Wilson é ancestral distante de uma nova abordagem à religião que começa no século 17 (p. 96).

O capítulo 5, intitulado “Utilidade e progresso”, nos traz a ideia de história que é entendida como uma marcha inexorável rumo ao progresso para o bem da humanidade. Nesse contexto, é interessante observar Karl Marx (1818-1883) defendendo uma sociedade sem classes e Auguste Comte (1798-1857) com a doutrina dos três estágios: teológico ou fictício, metafísico ou abstrato e científico ou positivista. Todo esse esforço de Harrison é para afirmar que “o novo entendimento de progresso lança os fundamentos para uma variedade de afirmações comuns acerca da superioridade da ciência em relação à religião e acerca do Ocidente secular e científico como o ápice da evolução cultural” (p. 131). Já o capítulo 6, que foi intitulado “A ciência professada”, mostra como a ciência moderna nasceu no século XIX e a religião moderna no século XVII.

Em resumo, a obra de Harrison é uma abordagem histórica sobre religião e ciência. Nesse sentido, o livro traz uma nova reflexão sobre a interação entre religião e ciência assim como também faz a atualização desses termos no século XVII e XIX respectivamente. É oportuno registrar que Ian Graeme Barbour (1923-2013) já tinha contribuído com uma proposta de tipologia quádrupla,¹² i.e., quatro tipos de estudo, no campo da religião e da ciência: (1) modelo do conflito, (2) modelo de independência, (3) modelo de diálogo e (4) modelo

¹² Geralmente, a tipologia quádrupla de Barbour tem sido mais utilizada. Cf. BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião*. Trad. Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004. Por outro lado, John Haught classifica em quatro modelos: (1) conflito; (2) contraste; (3) contato e (4) confirmação. HAUGHT, John. *Science & Religion: From conflict to conversation*. Já Ted Peters classifica em oito modelos: (1) cientificismo; (2) imperialismo científico; (3) autoritarismo eclesial; (4) criacionismo científico; (5) teoria das duas linguagens; (6) consonância hipotética; (7) sobreposição ética e (8) espiritualidade na Nova Era. PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon (Orgs.). *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Edições Loyola; Editora UNESP, 2003. E um terceiro exemplo é a tipologia dupla de McGrath: (1) confronto e (2) diálogo. MCGRATH, Alister E. *Science & Religion: An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1999.

de integração. Nesse contexto, a reflexão de Harrison se enquadra como uma leitura recomendada mostrando “como” na pré-modernidade havia uma interação entre a religião e a ciência para um modelo de harmonia (i.e., algo entre o modelo de diálogo e o modelo de integração na proposta de Barbour).

Esse esforço de Harrison conduziu a quatro críticas a esta obra no cenário internacional: (1) a questão do cristianismo e da religião proposicional na pré-modernidade (e.g., Gaukroger, 2016; Heilbron, 2016); (2) a questão de jogar com as palavras (e.g., Heilbron, 2016); (3) a questão do realismo interno e o *status* da crença (e.g., Fehige, 2016) e (4) a questão da tese da complexidade¹³ (e.g. Brooke, 1991). Todavia, Harrison foi muito elogiado pelo esforço de mostrar um anacronismo da leitura pré-moderna dos verbetes religião e ciência, quando se tenta utilizar as lentes da modernidade.

É digno de registro que o estudo sobre a perspectiva histórica não tem essa unanimidade! Há outros exímios historiadores da ciência e da religião como John H. Brooke¹⁴ (2003), David Lindberg¹⁵ (2014), Reijer Hooykaas¹⁶ (1988) e Edward Grant (2002), que têm uma interpretação bem diferenciada sobre a história da interação entre ciência e religião. Por exemplo, a abordagem histórica de Edward Grant não tem os mesmos pressupostos do pensamento de Harrison:

Contrariamente à opinião geral, as raízes da ciência moderna foram estabelecidas nos Mundos Antigo e Medieval muito antes da Revolução Científica do século XVII. Aliás, esta revolução teria sido inconcebível se não fossem os esforços cumulativos anteriores de três grandes civilizações: Grega, Islâmica e Latina. Graças à herança científica recebida através de traduções de fontes greco-islâmicas nos séculos XII e XIII, a civilização Latino-Cristã da Europa Ocidental deu início à última etapa da jornada intelectual que culminou numa revolução científica que transformou o mundo. Quatro fatores essenciais permitiram à Europa Medieval preparar o caminho para a nova ciência do século XVII: as traduções para o latim dos textos científicos gregos e árabes nos séculos XII e XIII; o desenvolvimento de universidades, que eram exclusivamente

¹³ A tese da complexidade atribuída a Brooke é uma abordagem historiográfica que salienta os diferentes aspectos políticos, culturais, sociais ou intelectuais presentes nas relações entre ciência e religião, o que contrapõe as análises reducionistas que pressupõem conflito ou harmonia. Cf. BROOKE, John H. *Science and Religion: Some Historical Perspectives*. Cambridge Studies in the History of Science. New York: Cambridge University Press, 1991. Outra obra que apresenta a tese da complexidade é LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. *God and nature: historical essays on the encounter between Christianity and science*. California: University of California Press, 1986.

¹⁴ A obra em português é BROOKE, John H. *Ciência e Religião: algumas perspectivas históricas*. Porto: Porto Editora, 2003.

¹⁵ LINDBERG, David C. “O destino da ciência na cristandade patrística e medieval”. In: HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e Religião*. São Paulo: Ideais & Letras, 2014, p. 37-57.

¹⁶ HOOYKAAS, Reijer. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Editora UnB, 1988 [1973].

ocidentais e utilizavam as traduções como base de um currículo científico; as adaptações da Cristandade ao ensino secular; e a transformação da filosofia natural de Aristóteles. O presente estudo revê as realizações da ciência medieval e considera também, cuidadosamente, até que ponto foram precursoras da Revolução Científica.¹⁷

A obra de Harrison é recomendada como uma proposta de leitura harmônica entre religião e ciência para um curso de graduação ou pós-graduação. As considerações observadas nesta resenha não invalidam a pesquisa de Harrison, todavia mostram que os estudos da interação entre ciência e religião merecem uma atenção não reducionista e a rejeição do modelo de conflito.

¹⁷ GRANT, Edward. *Os Fundamentos da Ciência Moderna na Idade Média*. Porto: Porto Editora, 2002, p. v.